

# PONTO de Vista

Jornal do Centro Acadêmico Bernardo Sayão - CABS



# NOSSO PONTO

## Democracia para quem?

Outubro se vai e, assim, vemos o desfecho de mais um processo eleitoral no Brasil. Para além dos resultados destas eleições, cabe a reflexão a respeito de como se dá essa tal democracia de que tantos falam.

O ano de 2013 veio com Junho e seus centenas de milhares de jovens nas ruas, ocupações de reitorias das três universidades estaduais paulistas. O ano seguinte, o ano da Copa, deu continuidade com um ciclo de manifestações contra as injustiças do megaevento da FIFA, greves no Brasil inteiro: em especial as greves heróicas dos garis no Rio, dos metroviários na capital paulista e dos funcionários, novamente das universidades estaduais paulistas, que durou três meses e conseguiu barrar o tal “aumento de 0%” proposto pelo autoritário CRUESP (Conselho dos Reitores da USP, UNESP e UNICAMP).

Depois de tudo isso, cá estamos, comemorando a “festa da democracia brasileira” que acontece a cada dois anos. Assistimos aos programas eleitorais obrigatórios na TV aberta, depois do almoço e do jornal da noite: candidatos se degladiando com suas propostas, acusações, polêmicas... as tímidas candidaturas mais à esquerda, as candidaturas mais raivosamente à direita berrando a plenos pulmões seu desrespeito às minorias (com destaque para Levy Fidélis

e uma das falas mais absurdas já feitas em rede nacional). Pautas urgentes para mudanças estruturais no Brasil como a desmilitarização da PM, o fim da guerra as drogas, a legalização do aborto e a própria reforma política aparecem apenas de forma tímida.

Aí, entra o grande teatro da democracia: o jogo de cartas marcadas pela manipulação midiática e o espetáculo das campanhas marqueteiras multimilionárias financiadas pelas grandes empreiteiras, bancos e agro-negócio. Três candidaturas majoritárias à presidência financiadas quase que pelos mesmos grupos empresariais, com caras diferentes, até ideologias diferentes, mas que, às últimas consequências, defendem os mesmos interesses: os dos banqueiros e grandes empresários, que enchem seus bolsos, já pesados, com o dinheiro suado do trabalhador brasileiro.

Digite um número e aperte “confirma”. O fim disso tudo já sabemos: um governo que pode ser menos pior, ou não... mas as verdadeiras pautas ainda vão ter de ser conquistadas com a pressão do povo nas ruas.

Há braços,  
Equipe do Ponto



# Sustentabilidade e Democracia

O objetivo deste texto é discutir o conceito de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável no mundo em que vivemos hoje em dia. Com isso, eu espero instigar os leitores a pensar se as ditas democracias liberais ocidentais, que co-evoluíram com o sistema capitalista, são de fato os modo mais apropriado de se governar bens públicos a fim de evitar o possível colapso de nossa sociedade.

Como ponto inicial, eu vou investigar o conceito de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade associado com desenvolvimento econômico considerando os limites do nosso planeta.

“Desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes sem comprometer a habilidade das gerações futuras atingir suas próprias necessidades.”

No meu ponto de vista, esta definição é vaga: O que “necessidade” significa? Quem são as “futuras gerações”? Além disso, esta definição parece assumir que as gerações presentes já possuem a habilidade de atingir suas próprias necessidades. De qualquer forma, tal conceito, por ser nebuloso, abriu espaço para o sua interpretação subjetiva, distorcendo seu significado.

Para evitar tais problemas, eu escolhi utilizar a definição concisa da palavra “sustentável” fornecida pelo dicionário:

“Sustentável: Capaz de ser mantido a uma certa taxa ou nível.”

A qualidade de ser sustentável é por definição relacionada a um fenômeno que varia com o tempo e no espaço. Ou seja, para alguma coisa ser sustentável, ela precisa ser dinâmica. Esta coisa, se formada por interações e inter-relações, constitui um todo

complexo e dizemos que estamos trabalhando com um sistema.

A partir disso, o conceito de sistema sustentável é definido. Note que o meu foco é na sustentabilidade do sistema como um todo e não num processo específico interno do sistema como por exemplo taxa crescimento de alguma variável. Dito isso, eu irei focar a partir de agora nas relações sociais existentes nas democracias liberais (capitalistas) e como elas são relacionadas com a sustentabilidade da nossa sociedade (que é o nosso sistema).

Nosso primeiro passo é entender que a “a sociedade não consiste em indivíduos mas expressa a soma de vínculos, relações em que estes indivíduos se encontram um com os outros”. A partir dessa abordagem, entende-se que a sociedade por si só é constituída em relações complexas, formando um sistema que vai além de indivíduos independentes.

Isso de fato parece intuitivo. No entanto, teorizações sobre o funcionamento da economia - especialmente sob a ótica a neoliberal - e as políticas advindas de tal fundamentação “científica” assumem como verdade indivíduos independentes e racionais durante os processos de tomada de decisão. O objetivo desses indivíduos é sempre maximizar seus benefícios próprios representados por alguma função matemática conhecida como “utilidade”. Todavia, o conceito de “utilidade individual” é subjetivo e portanto impossível de ser testado cientificamente. A partir de tais suposições, e assumindo que não há intervenções externas, os mercados são aclamados como as instituições mais eficientes para gerar e distribuir a riqueza (wealth).



A partir dessa base ideológica, os neoliberais argumentam contra qualquer tipo de intervenção do Estado, o que para mim é bastante controverso. Os Estados em democracias liberais ocidentais co-evoluíram com o capitalismo e portanto são inerentemente capitalistas. Uma das funções primordiais do Estado, através de seu sistema jurídico-legal, é proteger os direitos de propriedade.

Além disso, as eleições – que é a apoteose das democracias liberais – parecem um mercado onde candidatos são comercializados. Políticos se vendem como produtos, contratando gurus do marketing como poderosos membros de seu comitê (antes de continuar com meu argumento, vale a reflexão: numa economia de mercado como a atual, em que se mercantiliza quase todos os aspectos da vida social, esse dueto eleição-mercado poderia ser diferente?). Dados abertos sobre as eleições indicam que uma há alta correlação entre a quantia de dinheiro investido na construção de um candidato e sua eleição. Em outras palavras, qualquer um que tenha o apoio dos donos da riqueza tendem a estar no poder. Consequentemente, leis que favoreçam a expansão da riqueza dessas pessoas/empresas tendem a ser aprovadas mais facilmente, reforçando essa dinâmica eleitoral.

A associação entre riqueza e poder é de fato recorrente na história da humanidade, bem antes das relações capitalistas existirem. Nós aprendemos que diferentes sociedades emergiram e eventualmente entraram em colapso. O colapso das sociedades da antiguidade (como, por exemplo, o Império Romano, os Maias e o Reino Antigo do Egito) é complexo. Evidências indicam que as consequências de uma distribuição desigual de riqueza e poder na sociedade como a corrupção das elites, pobreza, depressão econômica etc. são universais (mesmo dentro da particularidade de diferentes arranjos sociais). Como uma dada sociedade responde as crises também depende de suas

estruturas internas. Por exemplo, sociedades construídas e evoluídas em relações exploratórias e competitivas tendem a responder as crises de forma bastante diferente que uma sociedade mais cooperativa.

Sociedades construídas sobre relações competitivas tendem a ter modelos de governança hierárquico (top-down), o que favorece a distribuição desigual de oportunidades individuais. Isto induz estruturas conhecidas como “quem é rico fica mais rico” (rich-gets-richer). Dentro de tal sistema, o poder de tomada decisão e construção de leis tendem com o tempo a ficar na mão de poucos: os detentores de riqueza. Ao mesmo tempo, as regras que co-determinam a evolução espaço-temporal do sistema tendem a ser ditadas por esse mesmo pequeno grupo. Vela pensar que tal característica relembra de certa forma paradoxos de autorreferência. Portanto, riqueza e poder, bem como serviços e bens, vão ficando ainda mais injustamente distribuídos dentro de grupos de uma mesma sociedade e entre diferentes sociedades. Esta tendência também faz necessária a imposição de leis e forças de repressão cada vez mais fortes para garantir o direito de propriedade. Em minha visão, apesar de simplificações no meu argumento, é possível observar esta dinâmica no mundo de hoje.

Marx entendia que dentro da sociedade capitalista existem relações exploratórias e competitivas. Co-evoluindo com outras características, tal sistema se mostra propenso a recorrentes crises, sendo então inerentemente instável (e provavelmente insustentável). Até autores de outras tradições como as novas correntes neoliberais e keynesianos reforçam muitos desses argumentos marxistas. Além disso, matematicamente falando, o crescimento exponencial ilimitado, que é a base do capitalismo, é insustentável. A história nos mostra que sociedades que perduraram por



longos períodos colapsaram de forma lenta, às vezes chegando a séculos (note que isso por vezes vai contra nossa expectativa cognitiva da palavra colapso, significando um decaimento súbito).

Hoje em dia, nossa sociedade parece estar em uma transição em que a internet, mídias sociais, sensores, big data, entre outras tecnologias de informação e comunicação passam a fazer parte do mundo “real”. Dessa forma, ambos os mundos real e virtual afetam um ao outro e são afetados um pelo outro. Novas gerações tendem a estar globalmente conectadas, o que gera novos desafios e riscos, mudando as escalas (temporal e espacial) dos eventos. Propagação de tendências, polarização de opiniões e difusão de informação (falsas ou não) estão acontecendo globalmente e num ritmo veloz. Ao mesmo tempo, nossa sociedade enfrenta grandes dilemas como a mudança climática e seus efeitos não apenas em termos ambientais, mas também termos sociais, econômicos e culturais.

Neste contexto, as populações permanecem constantemente se mudando de áreas rurais para assentamentos urbanos (cidades), que por sua vez evoluem de forma complexa. Protestos urbanos estão emergindo pelo mundo; muitas de tais rebeliões podem ser vistas como a representação visível de instabilidades sistêmicas do capitalismo. O alto nível de conectividade possibilitado pela internet amplifica muitas das insatisfações divididas pelos indivíduos. Por exemplo na chamada Primavera Árabe, as conexões virtuais possibilitaram revoluções em muitos países árabes. De forma similar, tais protestos emergiram e cresceram no Brasil, Turquia, Londres, Suécia e Ucrânia. Note que, no entanto, cada caso emergiu em seu próprio contexto e teve sua própria evolução. No mundo virtual, atividades hackers crescem enquanto espionagem oficial se torna recorrente e faz parte do aparato estatal de inteligência e repressão.

A partir de tal exemplo e mesmo sabendo das limitações da minha análise, eu acredito que as democracias liberais em seu formato atual e o sistema capitalista estão falhando em dar as respostas para lidar com suas instabilidades inerentes. Tal fato não é nenhuma surpresa para mim, dada a própria lógica interna do sistema brevemente e simplisticamente descrita nos parágrafos anteriores. Em conclusão, eu acredito que não adianta falar em sustentabilidade dentro da sociedade capitalista e a solução possível para o nosso futuro está em um novo tipo de sociedade.

No meu ponto de vista, o primeiro passo para resolver as crises existentes é aceitar que o sistema capitalista é inerentemente insustentável e predominantemente constituído de modelos de governança hierárquicos. Tal fato em conjunto com a falta de regulação nos fluxos de capitais reforçam a dinâmica em que os ricos ficam cada vez mais ricos. A grande questão que se põe é que qualquer tipo de mudança nas regras do sistema capitalista não é nem sequer discutida. Mais do que isso, os modelos de governança corporativa em geral são ditatoriais em que os diretores da empresa (board of directors) – poucos indivíduos ricos e poderosos – tomam todas as decisões importantes da empresa, sem consulta aos trabalhadores. Se não concordarem com tais decisões ditatoriais, os trabalhadores são “livres” para deixar a empresa em que trabalham. Daí, os trabalhadores se encontram na seguinte posição: ser desempregado ou encontrar uma nova empresa em que o mesmo tipo de tomada de decisão é utilizado. Em outras palavras, ele é livre para passar fome ou livre para se vender a quem quiser comprar sua força de trabalho desde que aceite as regras vigentes. Este é então nosso regime democrático com liberdade de escolhas individuais...



Claramente, isto é um exemplo extremamente simplificado de quão antidemocráticas são as democracias liberais. O modo para lidar com isso é desafiando tais regras antidemocráticas e entendendo bem os processos decisórios. Eu acredito que o planejamento democrático é a chave para uma sociedade sustentável em oposição a qualquer tipo de anarquismo liberal ou tecnocracia. Todos devem estar preparados a discutir e decidir coletivamente diferentes problemas e, dessa forma, encontrar o melhor compromisso entre seus desejos individuais e as necessidades sociais. No entanto, isso requer um alto nível de organização e maturidade.

Eu acredito que o colapso do capitalismo é uma condição necessária para a existência de uma sociedade sustentável que siga os princípios anteriormente descritos. Apesar disso, tal condição está longe de ser suficiente. Cada indivíduo da sociedade deve estar preparado a identificar todos os indivíduos (7 bilhões hoje em dia) como seres humanos iguais, sem preconceções, para então moldar suas relações sociais. Infelizmente, tão claramente quanto eu vejo os problemas do capitalismo, eu ainda percebo tal sociedade como uma utopia.

Eu termino o meu texto propondo uma reflexão contemporânea do seguinte parágrafo do Manifesto Comunista (lembre que o contexto em que foi escrito é bastante diferente do nosso e que ele tem uma função de manifesto político bem definido):

“A condição essencial para a existência e para a dominação da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos de privados, a formação e multiplicação do capital; a condição do capital é o trabalho assalariado. O trabalho assalariado repousa exclusivamente na concorrência entre os operários. O progresso da indústria, de que a burguesia é portadora, involuntária e sem resistência, coloca no lugar do isolamento dos operários pela concorrência a sua união revolucionária pela associação. Com o desenvolvimento da grande indústria é retirada debaixo dos pés da burguesia a própria base sobre que ela produz e se apropria dos produtos. Ela produz, antes do mais, o seu próprio coveiro. O seu declínio e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis.”

Por Pedro J. Nardelli

## A Importância do Protagonismo

Entender a importância do protagonismo nas lutas contra as opressões é essencial. Os movimentos sociais são construídos pelas pessoas cujas opressões são incidentes ao logo da história e nos seus cotidianos. Por mais que um homem sofra alguma opressão pelo patriarcado, todos eles são seus beneficiados, ainda que não sejam seus signatários. Por mais que você seja uma pessoa branca e não se considere racista, e até mesmo lute contra o racismo, você jamais saberá o que é sentir essa opressão além de

se beneficiar dela (por mais que não queira). E o mesmo se aplica a uma infinidade de outros grupos oprimidos.

Você como uma pessoa apoiadora de uma causa precisa entender o seu lugar dentro dessa luta. Somente alguém que integra esse grupo oprimido pode, de fato, compreender o que é importante para esse movimento, porque é essa pessoa que sente a opressão. Eu sou mulher e negra, mas sou rica, então a forma e as situações as quais sou racismo são bem



distintas de uma mulher que é negra e também pobre. O que se precisa fazer é entender essa mulher, entender esse sofrimento que ela passa, e ela provavelmente passou por muito mais vezes por situações piores do que eu, do que você; o nosso papel como apoiadores da causa é ajudar essa mulher a TER voz, ajudar no que for possível para que suas reivindicações sejam ouvidas e suas opressões sejam compreendidas e combatidas, mas jamais podemos SER essa voz. Só as mulheres negras podem representar as mulheres negras. Temos que aprender a considerar os nossos privilégios.

Quando falo de considerar privilégios é compreender que pelo simples fato de ser homem e de vivermos numa sociedade machista você ganha mais, seu salário não depende do fato de você ter filhos, você não sofre assédios e outras violências. É compreender que, por ser heterossexual e vivermos em uma sociedade homofóbica, você não corre o risco de ser assassinado por causa da sua sexualidade, de ser expulso de casa ou de perder um emprego por causa dela. É saber que, por você ser branco e vivermos numa sociedade racista, as balas da polícia não correm em sua direção, que você não ganha menos por causa da sua cor, que o seu cabelo não é “ruim”, que você sempre se vê representado na mídia de forma positiva. É entender que, por você ser uma pessoa sem deficiências em uma sociedade capacitista, suas necessidades de locomoção ou cognitivas não são ignoradas e você não percebe o quão difícil pode ser entrar dentro de um ônibus. Seria difícil acabar esse parágrafo se fossemos

comentar cada privilégio que temos em relação às outras pessoas, e entender isso é essencial para compreender a importância do protagonismo.

Entender todos esses privilégios é perceber que de modo geral, raramente os homens precisam lutar pela conquista de algum espaço, seja ele político, acadêmico, midiático, profissional, religioso, etc, pois eles majoritariamente já os ocupam, assim como as pessoas brancas, as pessoas sem deficiência, as heterossexuais, as cissexuais, as ricas. Estas não só ocupam todos esses espaços, como também se legitimam nele. Desnaturalizar tais espaços como sendo necessariamente desses sujeitos é abrir espaço para que outros protagonistas atuem e conquistem seus direitos.

O protagonismo dentro das lutas contra as opressões dá espaço às vozes que nunca conseguiram ter espaço para serem ouvidas. Empondera quem nunca teve poder. Não é que homens não possam fazer parte do movimento feminista, ou pessoas brancas do movimento negro, ou pessoas cis e heterossexuais do movimento LGBT; o que digo é que, sendo uma pessoa que não compartilha das mesmas experiências e sofrimentos de nenhum desses grupos, não se pode querer ser a voz que representa. O que precisamos e devemos é lutar pelo empoderamento e protagonismo dos que sofrem de quaisquer opressões.

Por Yanna Braga



## Considerações sobre o vagão rosa

Ao longo dos últimos dias, tive inúmeras conversas sobre o infame “vagão rosa”, medida tomada pelo governo mediante as diversas campanhas a respeito do assédio que as mulheres sofrem no transporte público. Inicialmente, eu não gostei da medida. Achei que ela restringia o direito das mulheres de ocupar os espaços públicos, achei ela binária, achei excludente com mulheres trans\* e travestis.

Depois de muito tempo pensando, depois de ouvir os mais diversos pontos de vista eu concluí que talvez eu estivesse avaliando a questão sob o viés errado.

O que está dado na realidade?

A realidade cruel e concreta é: nosso direito de ocupar espaços públicos já é restrito. O que está colocado pela nossa sociedade patriarcal é que a mulher já não tem esse direito. Nossa sociedade já é extremamente binária em sua divisão de gênero, já é excludente para com mulheres trans\* e travestis. Essa contradição não foi colocada pela medida, ela já existe concretamente. Não é o vagão rosa que vai restringir os nossos direitos, o próprio patriarcado já faz isso. Enquanto isso, temos mulheres sendo assediadas cotidianamente nos transportes públicos.

Como é possível resolver esse problema? Acabando com o machismo, certo? A única forma de acabar com isso é fazer os homens entenderem que não tem direitos sobre nossos corpos, que temos direito de ir e vir sem ser importunadas, que lugar de mulher não é em casa, é na rua, é onde ela quiser.

O problema é que isso não é algo que a gente vai conseguir resolver imediatamente, não é tão simples, como qualquer feminista

sabe. Enquanto isso não é resolvido, temos que fazer alguma coisa para impedir que as mulheres continuem sendo assediadas, que continuem sofrendo com esse machismo, pelo menos diretamente. Uma separação em vagões exclusivamente femininos nada mais é do que a manifestação de uma restrição que já nos é imposta, mas pelo menos assim mulheres não vão sofrer assédio e agressão.

Não é um reforço de uma opressão, é uma manifestação visível da mesma que, inclusive, expõe essa contradição e coloca o debate na mesa.

O feminismo deve se adaptar à realidade e a realidade já é cheia de contradições, devemos tomar cuidado para não cair num dogmatismo que nos descole da opressão cotidiana sofrida pelas mulheres.

Não devemos rejeitar uma medida como essa, que é um reconhecimento do governo de que assédios no metro são um problema real. Um reconhecimento conquistado com muita luta das mulheres, especialmente as trabalhadoras que se organizaram e falaram “não dá mais”.

A partir desse ponto, eu acredito que caiba ao movimento feminista, e à sociedade como um todo, lutar para que sejam resolvidas as falhas na implementação nesse projeto. Para que sejam CLARAMENTE incluídas as pessoas trans\*, para que a quantidade de vagões seja proporcional à quantidade de usuárias, para que haja um efetivo feminino na guarda do metro e postos de denúncia em todas as estações. E, principalmente, para que sejam ampliados os investimentos no sistema de transporte público, dessa forma xs trabalhadoras não vão ser transportadas como sardinhas enlatadas em vagões e ônibus superlotados, em condições sub-humanas.

Por Lola Almeida





## Algumas coisas que você precisa descobrir:

Acordo de manhã, me visto, me apresso no compasso do relógio, me motivo um pouco a mais pois sei que hoje, hoje pode ser que eu te veja. No meio dos vários afazeres que eu escolhi pra mim, o seu café fora incorporado e não somente ele como a pessoa que o consome inteiramente, e olha a minha imagem com uma atenção única, agradeço por isso.

Por que nunca me irrita? Por que não me perco no seu caos? Simples, saber que alguém se acalma com as minhas palavras, as bobagens cotidianas e as histórias todas é mais que suficiente, você concordando ou não. A única questão que me intriga em partes, não são os dilemas todos apresentados, já disse que não me importo, mas até quando terei esse poder de ser tal como a sua consciência?

Tendo em vista que o mundo possui as suas transformações e que elas ocorrem dinamicamente, eu sei que as piadas perdem a graça quando muito repetidas e que o seu doce será menos saboroso que anteriormente, aí sim, talvez eu me sinta mal pela minha ineficiência, mas a culpa não é sua, as regras são claras e a terceira delas é que você seja feliz independente das circunstâncias, acredite.

Por Anônimo

## O que é e o que nunca deveria ter sido

Dentro de um ser, existe também,  
O que em si, não é  
O que por dentro se nega  
A antítese

Enlaça nessas ideias, uma pergunta  
Onde moraria a filosofia desse ser  
Se encontrasse uma larva que lá  
Habitasse  
Vivesse  
Morresse?

Sai desse cárcere de ossos e sangue  
Abandona esse fardo  
Desfaça-se do seu lar  
Afasta-te das correntes que te levam

Sorva a paz de estar só  
Traga a volatilidade da liberdade

É um convite, não fuja  
É imperativo que sua pele seja  
Nada além de livre  
Aceite nada que seja prisão

Mesmo dentro do ser, existe o que não é  
Então não tema o gosto de sol  
Prove a ânsia da escuridão  
Só tente, ao menos, não cair

O precipício é infinito  
Nele, faça seu lar  
A memória é nossa prova do tempo,  
Então livre-se dela  
Vamos matar o tempo.

Por Mina Degremond



## Artificial

O que penetra pelo cristalino  
Transpassa este mundo para um palco  
Assim como nesse trópico é o cenário natalino  
Tudo à vista parece ser falso.

Desde a pedra no chão da estalagem  
Aos ritos de renovação e passagem  
-Tudo feito de polietileno-  
Imitações de sentimentos, outrora presentes,  
Destinados, agora, a montantes  
Algo que, talvez um dia, já fora pleno.

Perdido entre mentiras históricas e pessoais  
As vezes pescadores continentais  
Aumentando os peixes nacionais  
Em outras amigos, não por serem má gente,  
Criando histórias para se sentirem potentes.

Onde acaba a realidade e começa a ficção?  
Por agora tudo parece uma porca imitação.

Por Pedro Martins

## Onze

Ouvi em algum lugar que coisas ruins vêm em três. Tudo bem,  
Três não um número tão ruim assim.

Só espero que coisas boas venham em primos.

Você já me deu oito sorrisos e, bom,  
onze é (bem) maior que nove.

São Paulo, 10/12/13

Por AP

• Créditos Capa e Conta-capa:  
Luisa Burini

• Equipe do ponto:  
Paola Marques  
Daniel Andrade  
Rodrigo Surita  
Gabriel Lopes de Cicco



# Princípios da Algebra Caubyana

Cauby e Pikachu

## 1 Axiomas

- i  $x = x, \forall x \in U$
- ii  $x \neq y \Leftrightarrow y \neq x; x, y \in U$

## 2 Operadores *ser* e *estar*

Defini-se os operadores binarios  $ser(x)$  e  $estar(x)$  para os quais valem as seguintes propriedades:

- i  $estar(x) = estar(x), \forall x \in U$
- ii  $ser(x) = ser(y) \Leftrightarrow x = y$

## 3 Operador Oba-Oba

Defini-se o operador Oba-Oba, aqui denotado por  $\Psi(\alpha)$ , tal que:

- i  $ser(\Psi(FEEC)) = 0$

## 4 1º Teorema de Cauby

- i  $ser(FEEC) \cdot ser(IFCH) = 0$
- ii  $ser(FEEC) \cdot ser(IA) = 0$
- iii  $ser(FEEC) \cdot ser(bloco\ de\ carnaval) = 0$

O SEU PONTO É SEU  
O MEU PONTO É MEU  
ESTE, O DE TOD@S.

ESCREVA JÁ PARA O PV:  
**PVJORNAL.CABS@GMAIL.COM**



